

La Voie Lactée (Via Láctea), Luis Buñuel, França, 1969, 101 minutos

Por João Camacho

Mestre em História Antiga pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Investigador do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa; investigador do Instituto Prometheus

Dois peregrinos partem de Paris em direcção a Santiago de Compostela, numa romaria em que participam milhares de pessoas, anualmente. Desde a Idade Média (século IX) que assim é, e consta que os crentes eram orientados, à noite, pela Via Láctea, que nos céus indicava a direcção de Espanha e dos Caminhos de Santiago. Durante o percurso, os protagonistas cruzam-se com uma aparentemente inusitada diversidade de personagens, como o Marquês de Sade, prostitutas, Prisciliano de Ávila, o Diabo, Jesus, a Virgem Maria, professoras primárias ou o Papa. Essa aparente disparidade, que resulta das várias «colagens», possui uma unidade: os peregrinos, ao seguirem o «caminho da ortodoxia», deparam-se, aqui e ali, com outras figuras que formaram ou defenderam algumas heterodoxias ao longo da história do cristianismo.

A Idade Média está presente na percepção do realizador. Esta marcou, metaforicamente, a sua infância na ruralizada e imobilista pequena aldeia de Calanda, em Aragão: «Tive sorte em passar a infância na medievalidade. Foi uma época dolorosa. Dolorosa no material, esquisita no espiritual.(...) Os mesmos sonhos passavam de pai para filho, de mãe para filha.»



Figura 1 – Luis Buñuel no festival tradicional de Calanda.

Mas Luis Buñuel não foi um conformista, e talvez tenha sido essa aversão à subordinação cega e inquestionável que lhe incutiu o interesse pelas diferentes heresias e martírios dos não abjurados. Foi no *Diccionario de las Herejías*, do presbítero Francisco Pluquet, que Buñuel e Carrière (argumentistas) foram buscar o material para reproduzirem na voz dos personagens, com «uma enorme autenticidade». O próprio Buñuel, expatriado pelo ditador Franco (que, para além disso, banuiu o seu documentário *Las Hurdes: Tierra Sin Pan*), fez parte da «Geração de 27», com os seus amigos pessoais Pepín Bello, Federico García Lorca e Salvador Dalí (este co-realizador do seu *Un Chien Andalou*, de 1929), alguns dos mais representativos artistas do movimento surrealista¹.

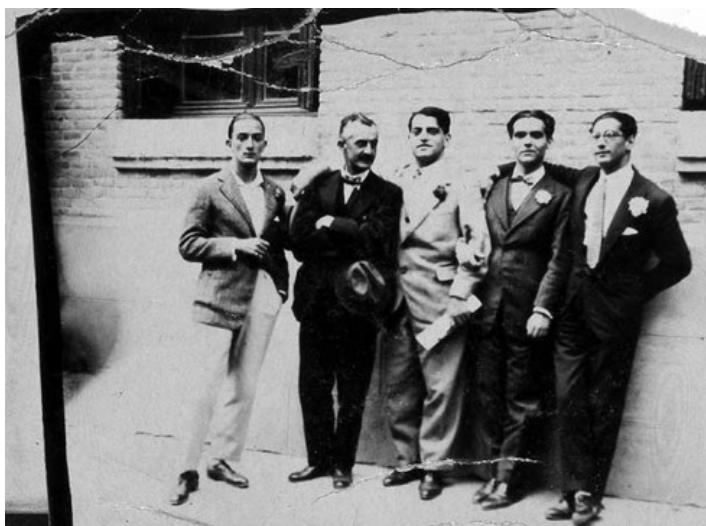


Figura 2 – Da esquerda para a direita: Salvador Dalí, Moreno Villa, Luis Buñuel, García Lorca e José Rubio Sacristán. Os quatro primeiros fizeram parte da «Geração de 27», o último foi um conhecido historiador de Direito.

La Voie Lactée (realizado em plena «etapa francesa») não possui uma intenção activamente combativa, como os seus primeiros filmes; aqui são usados testemunhos de diferentes épocas, matizados em grandes questões e problemáticas teológicas como a natureza da Trindade, a origem do mal, a Eucaristia, a dupla natureza de Cristo ou a virgindade de Maria, para sublinhar a loucura e o fanatismo de alguns defensores das diferentes perspectivas, ao longo da História. A ironia é transversal e confere um humor desconcertante à acção, não só pelo que é dito, mas também pelo lugar onde é dito. E o «lugar» não possui «um» tempo, mas vários, que se entrecruzam de forma por vezes tão irracional quanto as discussões que levam à morte de uns (os membros do povo) e aos duelos de outros (os oficiantes eclesiásticos). Para o ensaísta Carlos Fuentes, *La Voie*

¹ Tendência que lutava, entre outras coisas, contra a imposição de formas (como a narrativa) para a expressão cultural e artística.

Lactée é um filme combativo e anti-religioso; para o escritor Julio Cortázar, uma apologia católica aparentemente «encomendada pelo Vaticano». Luis Buñuel afirma, nas suas «memórias», que «a meus olhos, *Via Láctea* não estava nem a favor nem contra nada». Contudo, a ferocidade do dogmatismo e as sangrentas consequências do fanatismo encontram nas vicissitudes clericais e na História da igreja católica um campo de expressão muito fértil. Um jansenista e um jesuíta digladiam-se pela afirmação do livre arbítrio face à graça divina; contudo: «os caminhos do senhor são impenetráveis», sentencia Pierre (Paul Frankeur). Um padre descreve, convicto, o processo pelo qual o pão se torna em corpo de Cristo (transsubstanciação), convencendo-se no minuto seguinte que, afinal, Cristo estava misturado na hóstia como a lebre num patê²; conclusão: sofria de um problema psiquiátrico e acaba (re)internado. A ilogicidade das premissas também é sublinhada. Mas, contrariamente às discussões sobre a sua natureza, Jesus surge bastante humanizado, rindo, correndo, sentindo fome ou constrengendo-se por falar em público sem consulta prévia.



Figura 3 – Jesus preparava-se para fazer a barba, quando sua mãe, Maria, o faz mudar de ideias.

Estamos perante uma obra que contém uma interpretação histórica e social do clericalismo (e não tanto da religião), relevando a influência embrutecedora que este exercera durante os largos séculos de uma medievalidade que encontra continuidade na Espanha de Francisco Franco (polícias e clérigos mantêm relações polidas e igualitárias, ao contrário do tom autoritário e/ ou paternalista com que se dirigem às restantes

² Crença dos Pastelianos, grupo protestante do século XVI.

personagens), recorrendo o realizador à ironia e ao humor para apresentar desfasamentos e perplexidades resultantes dos temas discutidos. De resto, trata-se de temáticas difíceis de serem trabalhadas num filme, mas a arte buñueliana, mantendo a sua «ética rebelde» (invoque-se a fotografia «Benjamin Péret insultando a un cura», que Luis Buñuel sempre referiu como grande inspiradora da sua ideia de surrealismo), consegue uma das suas obras mais extravagantes e humorísticas.

Ficha técnica:

Realização: Luis Buñuel / **Argumento:** Luis Buñuel e Jean-Claude Carrière, baseado numa ideia original de Luis Buñuel, apoiada na *Historia de los Heterodoxos Españoles* de Marcelino Menendez Pelayo e nos volumes dedicados às heresias da *Histoire de l'Église* de Migne, ed. Paris, 1863 / **Fotografia:** Christian Matras / **Décors:** Pierre Guffroy / **Guarda-Roupa:** Jacqueline Guyot / **Montagem:** Louissette Hautecoeur / **Arranjo Sonoro:** Luis Buñuel / **Interpretação:** Laurent Terzieff (Jean), Paul Frankeur (Pierre), Bernard Verley (Jesus Cristo), Edith Scob (a Virgem Maria), Denis Manuel (Rodolphe estudante protestante), Daniel Pilon (François, o amigo de Rodolphe), Pierre Clementi (o anjo da morte), Alain Cuny (o homem da capa encarnada), François Maistre (o padre fugido ao manicóquio), Julien Bertheau (Richard, o "mâitre" do restaurante), Michel Piccoli (Marquês de Sade). **Produção:** Serge Silberman para "Greenwich Films Production" (Paris) e "Fraia Films" (Roma). **Estreia Mundial:** 15 de Março de 1969, em Paris / **Estreado em Portugal:** 6 de Fevereiro de 1979, no Cinema Quarteto. **Duração:** 101 minutos.

Bibliografia:

Luis BUÑUEL, *Mi Ultimo Suspiro*, Barcelona: Plaza & Janes, 1982.

Antonio LARA, *La Imaginación en Libertad: homenaje a Luis Buñuel*, Madrid: Universidad Complutense, 1981.